



# **FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

## **ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS**

2º ciclo do 1º bimestre da 1ª série

Eixo bimestral: **LITERATURA DE INFORMAÇÃO E TEXTOS JESUÍTICOS /  
RELATO DE VIAGEM E CRÔNICA**

### **Gerência de Produção**

Luiz Barboza

### **Coordenação Acadêmica**

Gerson Rodrigues

### **Coordenação de Equipe**

Andréia Castro

### **Conteudistas**

Gisele Heffner

Maria de Fátima Costa

**Edição On-Line Revista e Atualizada**

**Rio de Janeiro**

**2014**



## COMO ENSINAR?

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: OS GÊNEROS LITERÁRIOS

Nesta sequência, será abordado o descritor de leitura que diz respeito ao reconhecimento das principais características dos gêneros literários básicos.

#### **Eixo Leitura**

- Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).

### PASSO 1 – RECONHECER OS GÊNEROS LITERÁRIOS

É importante que os seus alunos percebam que cada gênero literário apresenta uma determinada estrutura textual, com a predominância de certos traços e recursos linguísticos.

Para começar a demonstrar essas diferenças, você pode selecionar um exemplar de cada gênero e pedir ao grupo que os identifique, primeiramente, apenas a partir da forma e do assunto abordado. Por seu conhecimento de mundo, os alunos costumam ter êxito nessa associação.

### PASSO 2 – APRESENTAR O GÊNERO LÍRICO

Para aprofundar os conhecimentos, no que tange ao gênero lírico, você pode utilizar sonetos, como os de Camões ou de Vinícius de Moraes, para apontar a marcante presença do eu lírico que expressa emoções, impressões e sentimentos. Já em relação à forma, cabe ressaltar que esse gênero se estrutura em versos, com rimas e ritmo, agrupados em estrofes.

Isso também pode ser feito a partir de letras de música carregadas de subjetividade, como a letra Índios, de Renato Russo, sugerida no Roteiro de Atividades.

Para completar a exposição aos alunos sobre o gênero lírico, é possível sintetizar essas informações em um quadro resumo:

Gênero lírico						
Ênfase	Função da linguagem predominante	Pronomes e verbos em	Características principais	Perspectiva temporal	Efeito gerado no leitor	Exemplos
Expressão de sentimentos	Emotiva	1ª. Pessoa	Intimismo; Subjetividade; Musicalidade	Presença do eu poético	Emoção Simpatia Exaltação	Soneto; Canção; Lira; Balada; Elegia.

### PASSO 3- APRESENTAR O GÊNERO ÉPICO

Com relação ao gênero épico, é fundamental mencionar as epopeias clássicas de Homero, a Ilíada e a Odisseia, obras que também guardam a origem do gênero narrativo. É interessante que os alunos percebam que os textos épicos, em prosa ou em verso, apresentavam um caráter coletivo, com a narração das conquistas e grandes feitos de um povo. Na sua estrutura desses textos, podem ser observados todos os elementos narrativos (o narrador, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço e tempo), além da frequente menção a heróis ou figuras mitológicas.

Para facilitar a compreensão desse gênero, você pode propor a exibição do filme Tróia (Wolfgang Petersen – 2004). Através dessa obra, os alunos têm contato com partes célebres dos poemas homéricos numa linguagem acessível, dinâmica e atual.

Para concluir e ampliar a abordagem do gênero épico/narrativo, o seguinte quadro pode ser apresentado:

Gênero épico/narrativo						
Ênfase	Função da linguagem predominante	Pronomes e verbos em	Características principais	Perspectiva temporal	Efeito gerado no leitor	Exemplos
Relato de episódios heroicos	Referencial	1ª. ou 3ª. Pessoa	Elementos históricos; Personagens; Herói;  Enredo; Marcas de tempo e espaço.	Passado presentificado	Admiração; Surpresa; Orgulho.	Epopéia; Conto; Novela; Romance.

#### **PASSO 4: APRESENTAR O GÊNERO DRAMÁTICO.**

Quanto ao gênero dramático, o exame de um trecho de roteiro de um filme, novela, ou mesmo de uma peça teatral revelará a ênfase na ação. Por isso, neste gênero, o narrador é eliminado através do emprego do diálogo, provocando a sensação de que a representação se passa pela primeira vez.

É interessante que o aluno perceba que o objetivo principal não é evidenciar cada parcela da história, como ocorre na epopeia, nem mesmo a forma emocional do gênero lírico, mas o final do texto. Neste gênero, tudo se encaminha para o fim do drama, para o desfecho, o que gera expectativa.

Além disso, as partes do drama estão ligadas numa sequência lógico-temporal. Elas mantêm, portanto, uma relação de dependência, o que cria a tensão dramática.

É possível utilizar textos dramáticos mais atuais com os alunos. Assim, trechos de novela, roteiros de filme ou peças contemporâneas serviriam de ponto de partida para a apresentação dos textos jesuítcos, foco do bimestre.

A respeito do gênero dramático, sinteticamente, é possível apresentar o seguinte quadro:

Gênero dramático						
Ênfase	Função da linguagem predominante	Sem narrador	Características principais	Perspectiva temporal	Efeito gerado no leitor	Exemplos
Representação de ações	Conativa	Discurso direto	Encenação; Personagens; Enredo; Marcas de tempo e espaço.	Ações presentes	Piedade; Revolta; Terror	Auto; Tragédia; Comédia.

## COMO AVALIAR

Pode-se, nesta etapa, selecionar vários textos de diferentes gêneros para que os alunos reconheçam cada um de acordo com as suas características. Caberá ao professor identificar os eventuais problemas pelos quais os alunos estejam passando para esse reconhecimento.

Um outro tipo de atividade que se pode realizar é a apresentação de pares de textos e pedir ao grupo que os diferencie conforme as características particulares de cada gênero.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: A LITERATURA JESUÍTICA

Nesta sequência, foram agrupados dois descritores de leitura que dizem respeito aos textos jesuíticos.

### Eixo Leitura

- Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.
- Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

### PASSO 1: RELACIONAR O CONTEXTO HISTÓRICO À PRODUÇÃO LITERÁRIA JESUÍTICA.

É fundamental recapitular para os alunos o contexto da colonização. As produções do Quinhentismo brasileiro, na verdade, atendiam aos interesses materiais e espirituais de conquista de territórios, exploração de riquezas e domínio de povos.

Os primeiros textos teatrais brasileiros foram escritos pelos jesuítas com a finalidade de catequizar os índios. Importa mostrar aos alunos que, dada a sua dinâmica, a forma teatral revelava-se mais eficaz que os tradicionais sermões para a difusão dos preceitos religiosos e, por conseguinte, para a consolidação do processo colonizador português.

As peças permitiam, como observa Sábato Magaldi, “levar a fé e os mandamentos religiosos à audiência, num veículo ameno e agradável”<sup>1</sup>. Um nome que se destacou na “incipiente literatura”<sup>2</sup> de nosso período colonial foi José de Anchieta. Seu teatro esteve filiado à tradição religiosa medieval, na qual se inspirou para a criação de personagens

---

1 MAGALDI, Sábato. **O teatro como catequese**. In: \_\_\_\_\_. Panorama do teatro brasileiro. São Paulo: Global editora, 2001, p.16.

2 BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 19.

alegóricos a representar o embate entre a santidade católica e os rituais indígenas, tomados como malignos.

Com efeito, a modalidade dramática adotada por Anchieta, o auto, relacionava-se com os mistérios e moralidades, formas dramáticas praticadas na Idade Média, ambas centradas na temática religiosa. Na síntese de Magaldi: “Nenhuma outra forma se ajustava mais que o auto aos intuitos catequéticos”<sup>3</sup>.

Além do próprio recurso ao gênero dramático, especificamente na forma do auto, o padre José de Anchieta se aproximou da língua e cultura nativas para melhor transmitir os ensinamentos da cultura e religião portuguesas. Há que se destacar a gramática da língua Tupi desenvolvida por Anchieta e os cuidados na reprodução dos costumes indígenas dentro das peças; nesse caso, porém, com a atribuição de juízo por parte do colonizador.

## **PASSO 2: ANALISAR COMO A FIGURA DO ÍNDIO FOI ABORDADA NA LITERATURA EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS.**

Para que o aluno perceba a diferença na abordagem do indígena nos diferentes períodos de nossa História, pode-se, inicialmente, a partir *do Auto de São Lourenço* desenvolver uma comparação com a música “Índios”, da Legião Urbana.

Se possível, a turma assistiria a um videoclipe da apresentação da banda no laboratório de informática, ou ainda, na própria sala de aula com auxílio de um projetor.

Poemas modernistas, como *Erro de português*, de Oswald de Andrade, também podem ser utilizados para esse cotejo. Além dos textos, algumas imagens poderiam enriquecer significativamente essa comparação.

---

3 MAGALDI, Sábato. **O teatro como catequese**. In: \_\_\_\_\_. Panorama do teatro brasileiro. São Paulo: Global editora, 2001, p.17.

O fundamental é auxiliar o aluno na percepção da visão do colonizador sobre o indígena. Inicialmente, vistos como bárbaros e selvagens, os índios representavam a extensão da flora e fauna ainda incomuns para os portugueses e, assim, eram parte de sua conquista. Além disso, os nativos serviriam como o acesso seguro às riquezas naturais como fonte de conhecimento e como mão de obra explorada. Os autos de Anchieta, por sua vez, inseriram os valores cristãos na cultura indígena por meio da apropriação da língua Tupi, o que facilitou grandemente o processo de conversão.

Já na atualidade, o índio não é mais descrito como um ser tão puro e idealizado, muito menos como selvagem e cruel. Os alunos devem identificar nos autores mais contemporâneos, a valorização cultural desses povos, em uma tentativa de corrigir, de certo modo, tantas injustiças cometidas contra eles.

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3: A CRÔNICA

Nesta sequência, foram agrupados dois descritores de *Leitura*: o primeiro, diz respeito a características estruturais e temáticas do gênero narrativo crônica, para a identificação das diferenças entre crônica literária e crônica jornalística; o outro é revisão, distingue texto literário e não literário.

#### **Eixo Leitura**

- Identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística.
- Diferenciar texto literário de não literário. (condição prévia)

O sentido etimológico de crônica está relacionado à palavra grega *chronos*, tempo. A crônica é sempre um resgate do tempo. No início da era cristã, por exemplo, “o vocábulo *crônica* designava uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do



tempo, isto é, em sequência cronológica.”<sup>4</sup>. Ao longo do caminho percorrido – e construído – pela crônica, a intenção de informar (caráter jornalístico) foi substituída pela intenção de divertir (função entretenimento), na busca de “penetrar poesia adentro”<sup>5</sup>.

Assim, crônica passou a ser conhecida como um texto curto, em prosa, que, a partir de um fato cotidiano, desenvolve reflexões do cronista com humor, poesia, ironia e crítica.

Logo, crônica é jornalismo e literatura ao mesmo tempo. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão. Por isso é jornalística quando busca no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos e é literária quando se permite utilizar elementos literários (ex: criação de personagens, linguagem solta e coloquial, função poética da linguagem, conotação, figuras de linguagem etc.) para construí-la.

## **PASSO 1: DIFERENCIAR TEXTO LITERÁRIO (CRÔNICA) E NÃO LITERÁRIO (NOTÍCIA)**

Inicialmente, selecione uma crônica literária e uma notícia (de preferência, que tratem do mesmo tema), a fim de que o aluno recupere os critérios que opõem os textos literários aos não literários. O aluno pode comparar os dois textos partindo destes questionamentos:

- a) Qual é o suporte de circulação de cada texto?
- b) Qual é a intenção comunicativa de cada texto: humor, ironia, crítica social, exaltação de sentimento?
- c) Como os textos se relacionam ao seu contexto de produção, principalmente aos seus interlocutores?
- d) A que fato do cotidiano os textos fazem referência?



---

4 Ver mais em: MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa**. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 101.

5 CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés do chão**. In: **Recortes**. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

- e) Em qual texto o ponto de vista do autor se releva mais explicitamente?
- f) Em qual texto predomina o uso da linguagem figurada? Quais sentidos poderíamos construir a partir dessas expressões?
- g) Qual tipologia textual é mais recorrente em cada obra (narração, descrição, exposição, argumentação ou injunção)?

Em seguida, você pode sistematizar esta análise construindo, junto a seus alunos, um quadro comparativo em que se pontuem os cinco critérios estudados no 1º ciclo<sup>12</sup>. Desse modo, explicitará as principais marcas da crônica literária (texto poético, ficção) e da notícia (texto referencial, não ficcional).

 <p><b>Texto literário:</b> <b>CRÔNICA LITERÁRIA</b></p>	 <p><b>Texto não literário:</b> <b>NOTÍCIA</b></p>
<p>Plurissignificação Predomínio da função poética Predomínio da conotação Relevância do plano de expressão Intangibilidade da organização linguística Possibilidades humanas; Ficção; Subjetividade; Imaginação, fantasia.</p>	<p>Clareza, concisão Predomínio da função referencial Predomínio da denotação Relevância do plano do conteúdo Tangibilidade da organização linguística Relato fiel dos fatos; Realidade; Objetividade; Atualidade</p>

## PASSO 2: RECONHECER TRAÇOS COMUNS ENTRE OS TEXTOS DO GÊNERO “CRÔNICA”

Após revisão, destaque, junto a seus alunos, características comuns a esses textos – principalmente, sua função social e suas principais marcas formais.

## A. Origem e função social

É importante esclarecer aos alunos que a crônica surge como fruto do jornal, no qual aparece entre notícias efêmeras. A crônica “trata-se de um gênero literário que se caracteriza por estar perto do dia a dia, seja nos temas, ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo”<sup>6</sup>. Assim, “se a notícia deve ser sempre objetiva e impessoal, a crônica é subjetiva e pessoal. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica é impressionista e lírica”<sup>7</sup>. Por isso, o sentido etimológico do termo “crônica” está relacionado à palavra grega *chronos*, tempo. Através de sua transposição para o latim (de *Chronos* para *Saturnus*, ou seja, “saturado de anos”), o termo passou a significar o registro dos fatos contemporâneos.

Desse modo, a crônica assume o papel de registro da realidade social das comunidades humanas. A crônica é, portanto, sempre um resgate do tempo. No início da era cristã, por exemplo, “o vocábulo ‘crônica’ designava uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica”<sup>8</sup>.

Ao longo desse caminho percorrido – e construído – pela crônica, a intenção de meramente informar (caráter jornalístico) foi substituída pela intenção de divertir (função entretenimento), na busca de “penetrar poesia adentro”<sup>9</sup>.

A crônica passou a ser conhecida como um texto curto, em prosa, que, a partir de um fato cotidiano, desenvolve reflexões do cronista com humor, poesia, ironia e crítica proporcionando ao leitor experiência estética ou de vida. Logo, crônica é, ao mesmo tempo, jornalismo, quando busca no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos, e literatura, quando se permite utilizar elementos literários (ex: criação de personagens,

---

6 Ver mais em: ANDRADE, Carlos Drummond. **De notícias e não-notícias faz-se a crônica**. RJ: Record, 1999, p. 13.

7 Id., *Ib.*, p. 13.

8 Ver mais em: MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa**. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 101.

9 CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: Recortes. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

linguagem solta e coloquial, lirismo etc.) para construí-la. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão.

## B. Registro linguístico e estrutura básica

Nesta etapa, você poder atentar para as marcas formais das crônicas, apresentando aos seus alunos quadros-síntese como os que se seguem:

<b>Registro linguístico: características gerais</b>
✓ uso de registro formal, mas simultaneamente com um tom coloquial, quase discurso direto;
✓ utilização de recursos estilísticos, tornando a crônica mais emotiva (conotação, metáforas, imagens, personificações...);
✓ utilização de recursos informativos (de forma referencial, objetiva, crítica), oriundos do gênero notícia;
✓ recurso a uma pontuação expressiva, como marca da subjetividade e da presença expressiva do autor;
✓ discurso centrado no emissor (primeira pessoa) e no receptor (terceira pessoa);
✓ uso de primeira ou terceira pessoa e implicações no processo enunciativo.

<b>Estrutura básica da crônica<sup>10</sup></b>
Título – indiciador da posição do autor;
Introdução – identificação do fato ou circunstância que motivou a crônica;
Desenvolvimento – reflexão do autor sobre o fato, circunstância ou pessoa que motivou a crônica;
Conclusão – arremate da crônica, com uma ideia global, que sistematiza e traz à evidência o resultado da reflexão do autor.

<sup>10</sup> Devido à diversidade de tipos de crônica, optamos por apresentar somente a estrutura básica, já que a proposta do ciclo envolve a produção textual de uma crônica a partir de uma notícia de jornal. Pode-se, no entanto, obter outras referências/informações, por exemplo, da estrutura da crônica narrativa no Caderno de Crônica, parte do material da Olimpíada de Língua Portuguesa.

O principal objetivo dessa sistematização formal é mostrar aos alunos que, embora não haja um modelo único para escrever crônicas, alguns traços linguísticos e estruturais se revelam recorrentes em textos desse gênero. Desse modo, tanto em exercícios quanto em sua produção textual, por exemplo, o aluno poderá resgatar alguns elementos constitutivos da organização interna da crônica.

### **PASSO 3: OBSERVAR A VERSATILIDADE DA CRÔNICA.**

Você pode demonstrar aos seus alunos – se possível, por meio de uma coletânea de textos ou de fragmentos – como as crônicas podem apresentar diferentes formas e temas. Tal diversidade justifica as distintas sistematizações teóricas apresentadas nos quadros a seguir, os quais podem ser úteis a você na análise de outras crônicas utilizadas em sala de aula.

#### **Critério jornalístico – Luiz Beltrão<sup>11</sup>**

<b>I. Quanto à natureza do tema:</b>	<b>II. Quanto ao tratamento dado ao tema:</b>
Crônica geral: contém espaço fixo no jornal, no qual o autor aborda assuntos variados.	Analítica: os fatos são expostos e dissecados de modo breve e objetivo; é dialética.
Crônica local: também conhecida como “urbana”, trata dos temas cotidianos da cidade.	Sentimental: o autor apela à sensibilidade do leitor; os fatos comovem e influenciam a sensibilidade.
Crônica especializada: o autor, que é um “expert” no assunto, trata de assuntos referentes a um campo específico de atividade (economia, sociologia, política, esportiva etc).	Satírico-humorística: critica, ironiza, ridiculariza fatos ou pessoas com a finalidade de advertir ou entreter o leitor; possui feição caricatural.

<sup>11</sup> BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

## Critério da tipologia literária – Afrânio Coutinho<sup>12</sup>

<b>Classificação pela natureza do assunto ou pelo movimento interno:</b>
Crônica narrativa, cujo eixo é uma história, o que a aproxima do conto, como no exemplo de Fernando Sabino;
Crônica metafísica, constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens, como é o caso de Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade, que encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar filosoficamente;
Crônica-poema em prosa, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos, como é o caso de Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo;
Crônica-comentário dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, ‘o aspecto de um bazar asiático’, acumulando muita coisa diferente ou díspar, como são muitas de José de Alencar, Machado e outros.

## Correspondência com o gênero literário – Massaud Moisés<sup>13</sup>

<b>“a crônica deriva para o conto ou a poesia”</b>	
<b>Crônica-poema</b>	<b>Crônica-conto</b>
O cronista explora a temática do “eu”, enfatizando suas emoções – o que, não raro, aproxima o texto de uma página de confissão, de diário íntimo ou de memórias. Nestas, os cronistas podem, inclusive, fazer versos ao longo do texto ou mesmo encerrá-lo com uma estrofe. Exemplo de cronista deste tipo é Carlos Drummond de Andrade.	Nestas, um fato chama a atenção do cronista, que o narra como se fosse um conto. O cronista assume, pois, o papel de narrador, de historiador.

## Orientação pela estrutura narrativa – Antonio Candido<sup>14</sup>

Crônica-diálogo: o cronista e seu interlocutor imaginário se revezam, trocando informações e pontos de vistas; exemplos: Gravador (Carlos Drummond de Andrade) e Conversinha mineira (Fernando Sabino).
---

12 COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro, Letras e Artes, vol.3, 1967. p. 97-98.

13 MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 108-109.

14 CANDIDO, Antonio. *Recortes*. Editora Ouro sobre Azul, 2004, capítulo 3.

Crônica biografia lírica: narra poeticamente a vida de alguém.
Crônica narrativa: tem certa estrutura de ficção, marchando rumo ao conto.
Crônica exposição poética: divagação livre sobre um fato ou personagem; cadeia de associações.

#### **PASSO 4: COMPARAR A CRÔNICA LITERÁRIA A UMA CRÔNICA JORNALÍSTICA, EVIDENCIANDO SUAS DIFERENÇAS.**

Após retomar as diferenças entre os textos literários e os textos não literários, observar os diferentes tipos de crônica e explicitar a estrutura básica para esse gênero híbrido, você pode iniciar a comparação entre uma crônica literária e uma crônica jornalística. Evitando uma classificação rígida, você pode explicitar que a crônica jornalística se aproximaria mais de um texto não literário e a crônica literária, do texto literário.

Nessa comparação, é fundamental que o aluno perceba que, por um lado, a tônica da crônica jornalística são os fatos da realidade, e sua intencionalidade se relaciona mais à crítica social, política. Por retomar diretamente um fato noticiado, sua linguagem tenderá mais para objetividade, e sua estrutura se baseará na exposição de ideias. A crônica literária, por outro lado, vai apresentar uma intencionalidade mais relacionada à poesia, ao lirismo, à função expressiva da linguagem – ainda que possa partir de um fato noticiado e não daquele observado diretamente pelo cronista no seu cotidiano.

Desse modo, a principal distinção entre a crônica jornalística e a literária é a forma de o autor agir sobre os fatos: naquela avalia-os com maior objetividade, nesta toma-os como mote para reflexões subjetivas. Ambos os tipos, no entanto, pertencem ao gênero literário, já que crônica é considerado um gênero literário moderno. A sua função, independentemente da classificação, é proporcionar ao leitor, acima de tudo, experiência e reflexão, emoção e intenção estética, para que possa voltar mais maduro à vida.

Crônica literária	Crônica jornalística
<p><b>O MATO</b><sup>15</sup></p> <p>Veio o vento frio, e depois o temporal noturno, e depois da lenta chuva que passou toda a manhã caindo e ainda voltou algumas vezes durante o dia, a cidade entardeceu em brumas. Então o homem esqueceu o trabalho e as promissórias, esqueceu a condução e o telefone e o asfalto, e saiu andando lentamente por aquele morro coberto de um mato viçoso, perto de sua casa. O capim cheio de água molhava seu sapato e as pernas da calça; o mato escurecia sem vagalumes nem grilos.</p> <p>Pôs a mão no tronco de uma árvore pequena, sacudiu um pouco, e recebeu nos cabelos e na cara as gotas de água como se fosse uma bênção. Ali perto mesmo a cidade murmurava, estalava com seus ruídos vespertinos, ranger de bondes, buzinar impaciente de carros, vozes indistintas; mas ele via apenas algumas árvores, um canto de mato, uma pedra escura. Ali perto, dentro de uma casa fechada, um telefone batia, silenciava, batia outra vez, interminável, paciente, melancólico. Alguém com certeza já sem esperança, insistia em querer falar com alguém.</p> <p>Por um instante, o homem voltou seu pensamento para a cidade e sua vida. Aquele telefone tocando em vão era um dos milhões de atos falhados da vida urbana. Pensou no desgaste nervoso dessa vida, nos desencontros, nas incertezas, no jogo de ambições e vaidades, na procura de amor e de importância, na caça ao dinheiro e aos prazeres. Ainda bem que de todas as grandes cidades do mundo o Rio é a única a permitir a evasão fácil para o mar e a floresta. Ele estava ali num desses limites entre a cidade dos homens e a natureza pura; ainda pensava em seus problemas urbanos — mas um camaleão correu de</p>	<p><b>AS CRIANÇAS QUE MATAM...</b><sup>16</sup></p> <p>Mas é assombrosa a proporção do crime nesta cidade, e principalmente do crime praticado por crianças! Estamos a precisar de uma liga para a proteção das crianças, como a imaginava o velho Julio Vallés...</p> <p>– Que houve de mais? Indagou Sertorio de Azambuja, estirando-se no largo divã forrado de brocado cor d’ouro velho.</p> <p>– Vê o jornal. Na Saúde, um bandido de treze anos acaba de assassinar um garotito de nove. É horrível!</p> <p>O meu amigo teve um gesto displicente.</p> <p>– Crime sem interesse...</p> <p>A menos que não se dê um caso de genialidade, um homem só pode cometer um belo crime, um assassinato digno, depois dos 16 anos.</p> <p>Uma criança está sempre sujeita aos desatinos da idade. Ora, o assassinato só se torna admirável quando o assassino fica impune e realiza integralmente a sua obra. Desde Caim nós temos na pele o gosto apavorador do assassinato. Não estejas a olhar para mim assim assustado.</p> <p>As mais frágeis criaturas procuram nos jornais a notícia das cenas de sangue. Não há homem que, durante um segundo ao menos, não pense em matar sem ser preso.</p> <p>E o assassínio é de tal forma a inutilidade necessária ao prazer imaginativo da humanidade, que ninguém se abala para ver um homem morto de morte natural, mas toda gente corre ao necrotério ou ao local do crime para admirar a cabeça degolada ou a prova inicial do crime. Dado o grau de civilização atual, civilização que tem em germen todas as decadências, o crime tende a aumentar,</p>

15 BRAGA, Rubem. 200 CRONICAS ESCOLHIDAS. As melhores de Rubem Braga. Rio de Janeiro: Record, 2002.

16 Rio, João do, 1881-1921. **Cinematógrafo: crônicas cariocas** / João do Rio. – Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 87), p.28-29.



<p>súbito, um passarinho piou triste em algum ramo, e o homem ficou atento àquela humilde vida animal e também à vida silenciosa e úmida das árvores, e à pedra escura, com sua pele de musgo e seu misterioso coração mineral.</p> <p>E pouco a pouco ele foi sentindo uma paz naquele começo de escuridão, sentiu vontade de deitar e dormir entre a erva úmida, de se tornar um confuso ser vegetal, num grande sossego, farto de terra e de água; ficaria verde, emitiria raízes e folhas, seu tronco seria um tronco escuro, grosso, seus ramos formariam copa densa, e ele seria, sem angústia nem amo; sem desejo nem tristeza, fone, quieto, imóvel, feliz.</p> <p style="text-align: right;">Rubem Braga</p>	<p>como aumentam os orçamentos das grandes potências, e com uma percentagem cada vez maior de impunidade. Lembra-te das reflexões de Thomas de Quincey na sua pedagogia do crime! É dele esta frase profunda: “– O público que lê jornais contenta-se com qualquer coisa sangrenta; os espíritos superiores exigem alguma coisa mais...”</p> <p style="text-align: center;">Humilhadamente, dobrei o jornal (...)</p> <p style="text-align: right;">João do Rio (1881-1921)</p>
<p><b>Comentário:</b></p> <p>Através de estrutura narrativa, o autor apela à sensibilidade do leitor; os fatos comovem e influenciam a sensibilidade. Aqui <b>os fatos são de conteúdo lírico</b>, de mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos.</p>	<p><b>Comentário:</b></p> <p>A partir de notícias diárias (<b>fatos da realidade</b>), o autor age sobre os fatos: avalia-os com maior objetividade. Aqui <b>os fatos são expostos e dissecados de modo breve e objetivo</b>;</p>
<p><b>Ambos os textos apresentam o efeito estético do universo urbano definido, sobretudo, pela presença da <u>cidade</u>.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ O de Rubem Braga pela captação impressionista, particularizada e conotativa dos elementos que definem a sua descrição subjetiva; presença da função poética da linguagem e de figuras de linguagem como sinestésias.</li> <li>➤ O de João do Rio pela captação referencial, mais impessoal e denotativa. O autor projeta-se sobre a realidade que o cerca, interpretando-a e registrando-a através de conjecturas, inferências e associações de idéias os fatos a sua volta.</li> </ul>	

## COMO AVALIAR A HABILIDADE:

Como se viu anteriormente, a crônica apresenta muita versatilidade tanto em relação à natureza do tema quanto ao tratamento dado ao tema. Para que a habilidade seja

avaliada, você pode solicitar, dentre várias atividades, que o aluno construa um quadro comparativo dos elementos que caracterizam especificamente uma crônica literária de uma jornalística.

Nesse sentido, é interessante verificar se o aluno obteve, ao final da leitura, acima de tudo, esta consciência: de que a proposta da crônica é passar com a sua escrita experiência e reflexão do fato ocorrido. Assim, após atividade, observar se o aluno apresentou em sua resposta: a) claramente o acontecimento ocorrido em sua cidade (oriundo da notícia lida pelo escritor), localizando os elementos característicos da estrutura da notícia (o que, quando, onde, como, por que...), isto é, o relato cronológico dos fatos sucedidos em qualquer lugar<sup>17</sup>, já que a crônica jornalística é "uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história..."<sup>18</sup>; b) aliada a essa característica informativa, na crônica literária, o aluno em sua resposta, deve observar passagens ou expressões que contenham a força da poesia, do lirismo ou do humor. São essas passagens que caracterizarão a crônica como forma de comunicação que deve ser reveladora, sensível, insinuante e despretensiosa e não somente os fatos descritos cronologicamente.

Em se tratando de crônica, vale ao final da atividade comentar o registro de Antonio Candido em *A vida ao rés-do-chão*, "Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida..."<sup>19</sup>.

---

17<sup>□</sup> Afrânio Coutinho - *A literatura no Brasil* - Volume III - RJ: Livr. São José, 1964.

18<sup>□</sup> Davi Arrigucci Jr. - *Fragments sobre a crônica* - Folha de São Paulo, 01/05/87.

19<sup>□</sup> Antônio Cândido no artigo *A vida ao rés-do-chão*, 1980. In: *Recortes*. Editora Ouro sobre Azul, 2004, capítulo 3.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4: VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

Nesta sequência, foram agrupados dois descritores de *Uso da Língua* que dizem respeito aos fenômenos de variação lingüística e as normas ortográficas; e um de revisão: reconhecer as funções da linguagem referencial, poética e emotiva.

### Eixo Uso da Língua

- Identificar fenômenos de variação lingüística
- Identificar normas ortográficas (acentuação, hífen) a partir do Novo Acordo
- Reconhecer as funções da linguagem: referencial, poética e emotiva (condição prévia).

## DINÂMICA: IDENTIFICANDO OS FENÔMENOS DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Ao desenvolver a habilidade de identificação dos fenômenos de variação lingüística, é importante, inicialmente, discutir os conceitos de “língua” e em seguida o de “variação lingüística”. Para tal, sugerimos esta sequência didática, organizada em 5 passos:

### PASSO 1: INTRODUIR O TEMA A PARTIR DA APRESENTAÇÃO DE UM VÍDEO.

Dentre os muitos textos que abordam o tema da variação, destacam-se o filme *Línguas – Vidas em português*<sup>20</sup>, o curta-metragem *Língua*, do Museu da Língua Portuguesa<sup>21</sup>, e o vídeo *Variação Lingüística*, da MultiRio<sup>22</sup>.

20 Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=-\\_wyg1bKLFk&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=-_wyg1bKLFk&feature=related)

21 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z6sNEQ5-iaY&feature=related>

22 Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=\\_Y1-ibJcXW0](http://www.youtube.com/watch?v=_Y1-ibJcXW0)

## **PASSO 2: DEBATER O CONCEITO DE “LÍNGUA”:**

A exibição de trechos dos filmes indicados pode servir como base para um debate amplo sobre o tema. Para aprofundar o tema e evitar digressões, você pode interpretar, junto aos seus alunos, citações teóricas que defendem a unidade e a diversidade como características intrínsecas a qualquer língua. Destacam-se, assim, estes dois excertos:

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. [...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, *não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.*<sup>23</sup> [grifo nosso].

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade de nosso idioma [...]<sup>24</sup>

Tal discussão pode, ainda, auxiliar na desconstrução de preconceitos linguísticos como a ideia de que apenas uma forma de expressão é correta/legítima ou que a língua deve ser usada da mesma forma por todos e em todos os contextos situacionais.

---

23 CUNHA, Celso. **Uma Política do Idioma**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p.43.

24 CUNHA & CINTRA. Domínio atual da língua portuguesa: unidade e diversidade. In.: \_\_\_\_\_. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Capítulo 2. p. 9.

### **PASSO 3: CONSTRUIR O CONCEITO DE “VARIAÇÃO LINGUÍSTICA”:**

Tendo compreendido que todo sistema linguístico apresenta diferenças, o aluno poderá destacar, pelos exemplos dos vídeos apresentados, *variantes*, isto é, formas diferentes que, em princípio, expressam um mesmo conteúdo. Observando, pois, as diferentes formas de concretização do sistema linguístico, ele compreenderá o fenômeno da variação linguística.

### **PASSO 4: EXPLICITAR QUE A VARIAÇÃO OCORRE EM TODOS OS NÍVEIS DO SISTEMA LINGUÍSTICO**

Para isso, você pode explicitar os diferentes níveis de organização e de estudo da língua a partir de um quadro como o que se segue. Em seguida, você pode pedir aos alunos que destaquem – se possível, do(s) vídeo(s) apresentado(s) – fenômenos variáveis de cada nível do sistema linguístico, como aqueles indicados nas tabelas a seguir:

### **PASSO 5: EXPLICAR OS FATORES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:**

Para desenvolver este último passo da sequência didática, você pode fazer o seguinte questionamento à turma:

“O que pode influenciar a maneira como as pessoas falam e escrevem?”

Em seguida, você pode explicitar que as variantes podem ser agrupadas em *dialetos* (de região, idade, sexo, classe social) ou em *registros* (situações formais ou informais, textos falados ou escritos). Essa é, portanto, uma maneira de sistematizar a variação da língua e explicitar os condicionamentos para cada variante.

A partir disso, você pode relacionar as variantes destacadas pelos alunos aos principais fatores sociais que as determinam – sistematizando-os em um quadro, como o que se segue:

FATORES DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA <sup>25</sup>		
A região do falante	O nível social do falante	Faixa etária
Cada região tem seu conjunto mais ou menos homogêneo de características fonéticas, um sotaque próprio que dá traços distintivos ao falante nativo.	Essas distinções tocam diretamente algumas formas da língua reproduzidas pela escola e sustentadas na escrita, pois se acredita que, quanto mais alta a classe social do falante, maior seu contato com a norma padrão.	Essas diferenças correspondem ao uso da língua por pessoas de diferentes faixas etárias, fazendo com que, por exemplo, uma criança apresente uma linguagem diferente da de um jovem, ou de um adulto. Ao longo da vida, as pessoas vão alternando diferentes modos de falar conforme passam de uma faixa etária a outra.

Outra estratégia interessante é selecionar os textos conforme os fatores da variação linguística, como se observa nas sugestões apresentadas a seguir:

- A. Fragmentos de textos literários do falar mineiro (Guimarães Rosa), do falar gaúcho (Érico Veríssimo) e do falar nordestino (José Lins do Rego) para que os alunos observem como os autores manifestam suas respectivas características regionais através de um vocabulário peculiar.
- B. Tirinhas que façam uso de gírias; textos que contenham situações em que a faixa etária diferente determina o não entendimento da comunicação.
- C. Cartazes/placas de estabelecimentos comerciais que contenham diferentes modos de realizar a concordância e a regência verbal e nominal.

25 Adaptado de: FARACO, Carlos Alberto. & TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis, Vozes, 1992 p. 12.

## **COMO AVALIAR:**

Como atividade, o aluno deve saber identificar, em uma série de mini-textos propostos, os fenômenos de variação linguística. Uma atividade de avaliação escrita, para identificar tais fenômenos, seria selecionar a mesma notícia veiculada em jornais diferentes (O Globo, Extra, Expresso, por exemplo) e solicitar que comparem as notícias e identifiquem as variações linguísticas relacionadas ao emissor e ao receptor dos textos veiculados nos diferentes jornais.

## **DINÂMICA 2: IDENTIFICANDO NORMAS ORTOGRÁFICAS (ACENTUAÇÃO E HÍFEN) A PARTIR DO NOVO ACORDO**

Para identificar normas ortográficas a partir do Novo Acordo<sup>26</sup>, é importante situar o aluno sobre o objetivo de tais mudanças. Isto é, de que o Novo Acordo Ortográfico tem como objetivo promover união e proximidade dos países que têm o Português como língua oficial, tornando simples e uniforme as grafias da língua portuguesa. Assim, para efeito de conhecimento e ilustração, pode-se mostrar, através de um mapa mundi, a localização dos oito países que falam a língua portuguesa no mundo, além de suas bandeiras.

Também é importante lembrar ao aluno de que o decreto assinado em 2008 determinou prazo de quatro anos para as novas regras ortográficas serem aplicadas e exigidas nas escolas, concursos e vestibulares. Em dezembro deste ano, encerra-se, portanto, o prazo para o acordo entrar em vigor. É preciso conscientizar o aluno de que chegou, então, o momento de saber identificar as novas regras.

---

26 Ver mais em: *Guia da Reforma Ortográfica*. Disponível em: <http://fmu.br/guia/home.asp>

Para aprendizagem de tal conteúdo, pode-se seguir a seguinte sequência didática:

### **PASSO 1: CRIAR UM CORRETOR ORTOGRÁFICO SOBRE AS NOVAS NORMAS DE ACENTUAÇÃO:**

Inicialmente, como forma de introduzir o tema do Novo Acordo, você pode apresentar aos alunos a tirinha<sup>27</sup> do Orlandelli: *Grump e o acordo ortográfico*. A partir desse texto lúdico, você pode destacar as reflexões que o próprio personagem Grump faz sobre o Novo Acordo<sup>28</sup> e o modo como ele se coloca diante do desafio das novas regras. Na tira, Grump diz para seu interlocutor:

“ – Já estão valendo as novas regras do tal acordo ortográfico. Acentuação, hífen... mudou um monte de coisa.”.

Em seguida, Grump afirma diante do computador:

“– Precisamos de um novo corretor ortográfico para essa máquina.”.

A partir disso, você pode propor a construção de um corretor ortográfico: cartazes podem ser criados, apresentando as principais mudanças na acentuação.

Por último, os alunos explicariam oralmente essas mudanças.

---

27 Disponível em: [http://blogdoorlandeli.zip.net/arch2009-01-04\\_2009-01-10.html](http://blogdoorlandeli.zip.net/arch2009-01-04_2009-01-10.html)

28 Ver mais em: *Guia da Reforma Ortográfica*. Disponível em: <http://fmu.br/guia/home.asp>



## **PASSO 2: PESQUISAR TEXTOS COM HÍFEN ANTES DA MUDANÇA DO NOVO ACORDO E ATUALIZÁ-LOS CONFORME A NOVA REGRA.**

Em relação ao uso do hífen, como são muitas as mudanças, uma estratégia a se utilizar é imprimir uma **tabela**<sup>29</sup> referente só ao estudo do hífen com as novas modificações e solicitar que os alunos pesquisem textos que contenham, no mínimo, três palavras com hífen. Dessa maneira, eles irão observar a necessidade de essas palavras serem reescritas de acordo com as novas regras, explicando o porquê da mudança.

## **PASSO 3: FIXAR O CONHECIMENTO ATRAVÉS DE EXERCÍCIOS E DO GAME DA REFORMA ORTOGRÁFICA.**

Além de diferentes exercícios escritos de fixação, os alunos podem testar os seus conhecimentos, identificando, de forma lúdica, todas as regras do Novo Acordo através do *Game da Reforma Ortográfica*<sup>30</sup>. Todavia, é importante lembrar que o principal objetivo dessas atividades não é decorar as regras, mas sim compreendê-las.

### **COMO AVALIAR:**

Como atividade, o aluno deve saber identificar, em uma série de mini-textos propostos, as atualizações que o Novo Acordo propôs para o uso do hífen. O aluno deve saber justificar as novas regras do uso do hífen. O próprio game da reforma seria também uma forma de avaliação da habilidade.

---

29 Disponível em: [http://media.folha.uol.com.br/educacao/2009/01/02/reforma\\_ortografia.pdf](http://media.folha.uol.com.br/educacao/2009/01/02/reforma_ortografia.pdf)

30 Disponível em: <http://fmu.br/game/home.asp>

Para o desenvolvimento de diferentes possibilidades de trabalho em sala de aula sobre literatura, mais especificamente, com os textos informativos e os relatos, apresentam-se, a seguir, algumas sugestões de leitura e pesquisa, detalhadamente comentadas.

### **LIVROS TEÓRICOS:**

1. Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).

CUNHA, Helena Parente. Os gêneros literários. In: PORTELLA, Eduardo et.al. **Teoria literária**. 5 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, p. 93-130.

Este artigo apresenta um aprofundamento sobre a conceituação dos gêneros literários e sua importância no estudo da Literatura.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

A autora faz uma contextualização dos gêneros literários de forma didática e objetiva. Na obra, há exemplos de textos em que a presença dos gêneros coexistem, ilustrando a transitoriedade dos gêneros.

2. Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

COUTINHO, Afrânio. **O processo de descolonização literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. pp. 57-60.

No capítulo I, *Temas de literatura, Anchieta, o santo da Literatura Brasileira*, pode-se perceber o direcionamento teórico do autor no que tange à importância de conhecer os autos catequéticos do padre em questão, para compreender um recorte histórico e literário, importante na (des)construção do colonialismo português.

3. Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

No capítulo I, intitulado *A condição colonial*, o autor trata das questões historiográficas e artísticas da literatura brasileira em sua fundação. No tópico intitulado *Anchieta* (p. 19), Alfredo Bosi destaca o período da literatura de catequese para contextualizar a Literatura Brasileira no período histórico colonial.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963. pp. 105–110.

O capítulo V, intitulado *Letras e ideias no período colonial*, aborda, de maneira didática, como a Literatura Brasileira foi sedimentada tendo em vista as circunstâncias histórico-sociais do período colonial brasileiro. Na página 109, Antônio Candido dedica algumas linhas ao legado literário do Padre José de Anchieta, no tópico *Literatura Religiosa*.

#### 4. Identificar fenômenos de variação linguística.

CUNHA, Celso. **Uma política do idioma**. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p.43.

Neste livro, em especial, no tópico variação linguística, o autor discute uma série de questões sobre língua, variação (níveis, fatores, fenômenos) e também sobre preconceito linguístico.

FARACO, Carlos Alberto. & TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis, Vozes, 1992 p. 11.

No capítulo I deste livro, os autores se dedicam a explicar o que é a língua, diversidade linguística, variedade e valor. Através de várias atividades, aprofunda os conceitos trabalhados.

#### 5. Identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística.

ANDRADE, Carlos Drummond. **De notícias e não-notícias faz-se a crônica**. RJ: Record, 1999, p. 13.

Drummond, neste livro, explora a transição da notícia para a crônica, focalizando como nasce uma crônica.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

Neste livro, o autor dedica um capítulo à crônica. Apresenta, inclusive, uma classificação do gênero pelo olhar do jornalismo.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: \_\_\_\_\_. **Recortes**. Editora Ouro sobre Azul, 2004, capítulo 3.

Neste artigo, o autor explica, no capítulo 3, o que é crônica, como ela nasceu, suas características básicas e suas controvérsias quanto a ser um gênero menor.

COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro, Letras e Artes, vol.3, 1967. p. 97-98.

Neste capítulo, dedicado ao tópico *crônica*, o autor explica o conceito do gênero crônica, suas origens, características e classificações, segundo o critério temático.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa**. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 101-247.

Neste livro, em um capítulo dedicado exclusivamente à crônica, o autor explora a origem, o conceito e as características do gênero. Em sua classificação crônica-poema e crônica-conto, o autor consegue dirimir as dúvidas que ora surgem quando a crônica parece conto.

## **LIVROS DIDÁTICOS :**

- 1.** Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico, dramático)

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens:** volume 1. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

No Capítulo 2 da unidade 1, *O texto teatral escrito*, a inserção do assunto gênero teatral se dá através do tópico “Trabalhando o gênero”, p. 110. Os autores apresentam um fragmento de texto teatral e exercícios que vão desde a interpretação do fragmento ao conhecimento da estrutura e da linguagem do gênero. Depois sugere aos alunos produzir um texto teatral e encenar.

2. Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

ABAURRE, Maria Luiza M., ABAURRE Maria Bernadete e PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2010.

Na unidade 3, *A literatura no período colonial*, o capítulo 9, apresenta as “Primeiras visões do Brasil”: a revelação do mundo novo; o projeto colonial português, a literatura de viagens e a literatura de catequese (138-152). O capítulo é riquíssimo em imagens e mapas e se propõe a inserir o aluno em uma leitura cultural do contexto da época através da linguagem não verbal.

BARRETO, Ricardo Gonçalves. **Português: ensino médio** (Coleção Ser Protagonista), São Paulo: Edições SM, 2010.

No Capítulo 9, *As origens da literatura brasileira*, o autor apresenta de maneira detalhada todo o contexto de produção, histórico, cultural e literário do período quinhentista. Apresenta também uma análise minuciosa de um poema do Pe. José de Anchieta (p.118).

3. Produzir e editar uma crônica a partir de notícia de jornal para publicação em jornal mural ou blog informativo.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO Jr, José Hamilton. **Língua Portuguesa: linguagem e interação**. Vol 1. São Paulo: Ática, 2010.

Na unidade 1 – capítulo 3, o autor apresenta uma sugestão de produção textual de crônica. Mais especificamente, na página 96, ele propõe um quadro de avaliação dessa produção, com aspectos a serem observados depois de redigir a crônica.